

Governo deveria enfrentar Congresso, prega Bulhões

por Cláudia Izique
do Rio

A crise brasileira está como que encerrada num ciclo vicioso: tentativas de combate à inflação acabam, ao mesmo tempo, por criar estratégias de defesa, que apenas reproduzem o mal que se pretende debelar. É a partir desta perspectiva que o ex-ministro Octávio Gouvêa de Bulhões analisa medidas do Congresso que, para ele, estaria autorizando aumento de despesas sem a contrapartida de acréscimos na arrecadação do estado.

"Os congressistas, explicitamente", ressalva Bulhões, "dobram seus salários em defesa própria e ficam com escrúpulos de negar despesas, como, por exemplo, a de aumentar o salário mínimo e estendê-lo aos pagamentos da Previdência Social." Para o ex-ministro, a alternativa "seria o governo rebelar-se e não executar as medidas autorizadas pelo Legislativo", num ato que teria seu preço: o conflito.

"Mas o presidente José Sarney prometeu a si mesmo que será o artífice da transição e, portanto, não tomará esta atitude", revela Bulhões.

Ele não duvida que o governo tivesse forças para um enfrentamento, mas garante que "Sarney prefere passar por um presidente inerte do que enfrentar o Congresso". Uma posição que, segundo Bulhões, é resultado de um estado de "perplexidade", diante do agravamento da inflação.

Bulhões foi ministro da Fazenda do marechal Cas-

tello Branco, no primeiro governo da Revolução de 64. Mas já foi diretor da Superintendência da Moeda e do Crédito (Sumoc), com João Café Filho, integrou o Conselho Nacional de Economia, com Juscelino Kubitschek, e novamente o Sumoc, no governo Jânio Quadros. Monetarista e liberal, defende uma política antiinflacionária baseada na austeridade e na limitação de despesas públicas.

"Passamos por um período duro", avalia o ex-ministro. "Mas existe ainda possibilidade de reversão deste quadro se o governo usar energia." Ele não teme a hiperinflação: "Ainda há pessoas que aceitam títulos públicos, ninguém recusa o cruzado, além disso, ainda existe vontade de trabalhar e produzir". A título de exemplo, Bulhões lembra a dinâmica de "pequenas cidades no interior do País". Refere-se também a uma economia submersa que revelaria "resistência extraordinária contra os males".

"O grande problema é a má administração pública, em contrastes com a boa administração particular", diz. "O governo tem receita, mas não pode continuar a transferi-la, sem controles, aos estados e municípios."

Ele comenta ter notícias de que o Legislativo estaria fixando salários altos com recursos recebidos da União. "É a prova do desperdício, quando todo os centavos deveriam ser cuidadosamente aplicados. Não se dá valor à moeda".